



KOINONIA

MOSAICOS DA BÍBLIA

20

**A força da
solidariedade**

**O livro de Rute numa
perspectiva negra e
feminista**

MARICEL MENA LÓPEZ

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento das atividades de Bíblia em Koinonia. Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), a publicação Mosaicos da Bíblia e Koinonia. Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva a KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

TRADUÇÃO DO ESPANHOL: Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho
 EDIÇÃO: Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho
 REVISÃO: Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho
 DIGITAÇÃO: Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho
 DIAGRAMAÇÃO: Ana Laura Gomes

São Paulo, outubro, novembro e dezembro de 1995

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129 Glória
 22211-230 Rio de Janeiro RJ Brasil
 Tel.: (021) 224-6713
 Fax.: (021) 221-3016

Rua dos Pinheiros, 706 casa 06
 05422-001 São Paulo SP Brasil
 Tel./Fax.: (011) 280-7461

SUMÁRIO

A FORÇA DA SOLIDARIEDADE

O livro de Rute numa perspectiva negra e feminista

APRESENTAÇÃO	04
O SENTIDO DO TEXTO	05
O livro de Rute	05
Um texto feminista	05
Objetivo da leitura	06
O CONTEXTO GERAL	07
Pós-exílio	07
Motivação política	07
Situação social	08
Motivação teológica	09
ORGANIZAÇÃO DO TEXTO	10
Estrutura e desenvolvimento geral	10
Apresentação literária	13
Programa narrativo	15
MULHER NEGRA E POBRE	16
Mulher africana	16
Cultura diferente	17
Resistência cultural	18
Rute e as mulheres negras	19

APRESENTAÇÃO

O livro de Rute recebe várias interpretações que raramente lhe dão o destaque merecido. Para alguns intérpretes conta uma história do tempo dos Juizes que explica a origem do rei Davi, ou uma história de amor e fidelidade à amizade, associada às histórias das mulheres do livro de Juizes. Para outros, apresenta o caráter universalista da fé em Javé ou tem como objetivo a perpetuidade clânica. Entretanto, o estudo que este número do Mosaicos da Bíblia apresenta inicia-se com outras perguntas: Como um livro tão pequeno presta-se a tantas interpretações? Por que, sendo um texto protagonizado por mulheres numa sociedade androcêntrica e patriarcal, ocupa tanto espaço na história do povo de Israel?

Na verdade, o caráter comovente e minucioso do livro indica a autoria de uma mulher ou, quem sabe, de um grupo de mulheres que conservaram a sua tradição histórica até a elaboração final. Sua teologia é a de um grupo organizado que no período pós-exílico não só representava um núcleo de oposição ao poder patriarcal do templo, mas também confrontava-se com o profetismo oficial. Sua trama é realizada por mulheres: são elas quem planejam, executam e celebram o alcance do seu objetivo, e Rute, uma mulher pobre, viúva e estrangeira leva adiante o projeto do povo de Deus.

A partir da reflexão, interpretação e construção, este estudo quer descobrir o sentido do texto bíblico. Trata-se de uma leitura na perspectiva da hermenêutica negra e feminista, que parte do e para o trabalho pastoral. Dirige-se aos agentes de pastoral e às pessoas com trabalho cultural étnico para que levem esta mensagem como projeto libertador às suas comunidades, especialmente as comunidades negras.

O fato do acontecimento histórico do povo de Deus e o projeto de Jesus serem elementos fundamentais que justificam a ação libertadora dos povos da nossa América-negra coloca para nós a necessidade de uma leitura bíblica que parta da situação dos que estão localizados no amplo mundo do oprimido social e inscritos na história de dor e genocídio desde o período colonial até os dias de hoje: os povos negros, os sem-terra, as crianças, as mulheres, os trabalhadores, os explorados ... os novos sujeitos da evangelização.

Os editores

A força da solidariedade

O livro de Rute numa perspectiva negra e feminista

Maricel Mena López

O SENTIDO DO TEXTO

5

O livro de Rute

Um dos muitos relatos existentes na Bíblia é o livro de Rute, muitas vezes utilizado em interpretações que raramente lhe dão o destaque que merece. A Vulgata e a Septuaginta colocam-no depois do livro de Juízes, como parte dos Livros Históricos. Para os cristãos, Rute conta uma história do tempo dos Juízes (1,1), que explica ao povo a origem do rei Davi. Em 1 Crônicas 2,1-12 Boaz é apresentado como bisavô de Davi, um dado que parece derivar de uma antiga genealogia davídica. Podemos dizer que Rute origina-se de uma antiga tradição histórica, o que torna inegável o caráter histórico do livro.

Rute é um texto múltiplo e inacabado em suas interpretações. É considerado uma história de amor e fidelidade à amizade, associado às histórias das mulheres do livro de Juízes (Débora, Jael, Sísera, Jefté), apresenta um caráter universalista da fé em Javé ou tem como objetivo a perpetuidade clânica. Poderíamos continuar falando das diversas interpretações existentes, mas as perguntas agora são: como um livro tão pequeno serve para tantas interpretações? Por que, sendo um texto protagonizado por mulheres numa sociedade androcêntrica e patriarcal, ocupa um espaço na história do povo de Israel? Estas são interrogações de abertura neste estudo, que servirão de pano de fundo para nossa investigação.

Um texto feminista

O livro de Rute é um texto de muita riqueza. Sua leitura minuciosa ilumina nossa prática cristã, sendo muito significativo e motivador para as mulheres. É um texto feminista. Sua trama é realizada por mulheres: são elas quem planejam, executam e celebram o alcance do seu objetivo. Por seu caráter comovente e minucioso alguns afirmam que o livro poderia ter sido feito por uma mulher ou, quem sabe, por um grupo de mulheres que conservaram a tradição histórica até a sua elaboração final. Dessa forma, ele contém uma teologia feita por mulheres constituindo um grupo organizado que no período pós-exílico representa um grande núcleo de oposição ao poder patriarcal do templo.

É interessante ver como a força feminina do livro é ofuscada por muitos comentaristas devido aos séculos dedicados à construção de uma compreensão que privilegia uma leitura masculina da Bíblia e da realidade. Por exemplo, a crítica dedicada a Rute no Comentário Bíblico São Jerônimo diz: “Demonstra

de uma maneira dramática como uma família eleita salvou-se da extinção; Rute é um exemplo tenaz de adesão a seu marido e à sua parentela; Boaz irradia prudência, nobreza e generosidade." Nesta leitura o valor da mulher fica atado ao do homem e o destaque é todo para Boaz, masculinizando o texto e perdendo o seu sentido fundamental. Aqui surge uma tarefa: fazer uma construção histórica da tradição bíblica a partir das mulheres.

Objetivo da leitura

6

Trata-se de uma leitura a partir do e para o trabalho pastoral. O público que se pretende atingir é o de agentes de pastoral e pessoas com trabalho cultural étnico para que levem esta mensagem como projeto libertador às suas comunidades, especialmente as comunidades negras. Desejo descobrir o sentido do relato a partir da reflexão, interpretação e construção, já que no texto bíblico Deus se revela através da história como um Deus libertador que não faz acepção de pessoas ou culturas. No livro de Rute uma mulher leva adiante o projeto do povo de Deus: Rute é uma mulher pobre, viúva, estrangeira, portanto, marginalizada dentro do povo israelita. Se quisermos fazer uma leitura clara e sensível que chegue a outros o livro de Rute é uma alternativa teológica e cultural, oferecendo-nos também os instrumentos da reflexão que ilumina a realidade do povo latino-americano.

O objetivo hermenêutico deste ensaio é fazer uma leitura feminista do texto a partir das teorias de gênero, classe, etnia e cultura, como ferramentas que permitem a reconstrução histórica a partir dos oprimidos na história. Para isto é preciso levar em conta algumas categorias de análise:

- ✓ O corpo que tem sido o espaço maior de opressão e apropriação da mulher - violação, agressão, negação, abuso, manipulação. A relação Rute-Boaz é mediada pelo corpo
- ✓ O cotidiano, ou seja, o que parte das pessoas com sua subjetividade, realidade, história, cultura, particularidade. Trata-se de toda a vida e experiência das pessoas. O texto de Rute apresenta o cotidiano feminino, sua transparente amizade, beleza e corporeidade, o que permite a realização do seu objetivo
- ✓ Gênero, classe e etnia. Parte de um grupo econômico étnica e socialmente definido. Rute é mulher, representa os pobres da terra, é estrangeira, viúva, ou seja, faz parte dos discriminados e empobrecidos.

Esta leitura tem sua matiz principalmente na "mulher negra e pobre", já que, como parte do amplo mundo do oprimido social, ela conhece a opressão, marginalização, discriminação e racismo na Afro-América. O texto de Rute afirma que é possível ser mulher, negra, pobre, e que a Bíblia nos apresenta uma mensagem libertadora em contraposição à tradição machista e racista da igreja.

O CONTEXTO GERAL

Pós-exílio

Existem diferentes opiniões sobre a época do livro: desde a época de Salomão até o período pós-exílico. Comparando as afirmações do livro de Rute com as diferentes épocas da história do povo de Israel na Bíblia, a maioria dos estudiosos conclui que o livro teve a sua composição final por volta de 450 anos a.C. Existem vários argumentos com os quais concordamos que descrevem a situação da Palestina nesta época:

- ✓ A situação de miséria e desamparo dos filhos do cativo, que se encontram sem terra e lutam por sua recuperação.
- ✓ Os camponeses têm que contribuir para o sustento dos sacerdotes e levitas (Esdras 4,3; 5,1-17; Neemias 2,8).
- ✓ A regra de organização do clã israelita, segundo a qual a terra não vendável seria resgatada pelo clã.
- ✓ A lei torna-se cada vez mais importante, é estabelecida em função da pureza racial, com proibição dos casamentos com mulheres estrangeiras (Esdras 9,1-2; 10,2-10; Neemias 7,4-5).
- ✓ A intenção de restauração do povo: a esperança messiânica é representada por Davi. Sabemos que a grande maioria do povo de Deus permaneceu em Judá durante o exílio babilônico. Depois de 539 a.C. houve condições de retorno dos exilados, mas de acordo com o livro de Esdras muito poucos regressaram à Palestina. Os que regressaram, apesar de serem um grupo minoritário, foram os que fizeram a história. Os exilados e os remanescentes haviam passado pela experiência da reforma josiânica, não sendo, portanto, nenhum acaso que o templo de Jerusalém ocupasse lugar privilegiado em seus propósitos. Entretanto, para a grande maioria dos judaítas a preocupação não era tanto a preservação do santuário. Seus símbolos eram a preservação da terra e a esperança messiânica na figura de um novo rei (Rute 4,22).

Estes temas fundamentais estão presentes no livro de Rute.

Motivação política

O exílio babilônico ocorreu no século 6 a.C. Parte do povo que sobreviveu foi deportado para uma terra estranha e subjugado. Isaías os chama de servos (Isaías 42,1-2). Muitos conseguiram manter-se em grupos, conservando assim seus costumes, língua e religião. A grande maioria permaneceu em Judá, sendo designados como remanescentes, chamados de "o povo da terra" e espoliados de suas cidades. Finalmente Ciro, rei dos persas, derrotou o rei da Babilônia e permitiu que o povo regressasse a Jerusalém. Voltou um povo disposto a organizar-se como povo de Deus. Por isso, o estado judaico, no período pós-exílico, foi também obra dos dominadores persas que participaram do retorno do exila-

dos, da reconstrução do templo e de Jerusalém e da introdução das leis judaicas na época de Esdras. Neste período em que a situação do povo que regressou do cativeiro era de sofrimento, mas que apresenta uma clara reconstrução e restauração da comunidade judia na Palestina, localizamos o livro de Rute.

Situação social

O esquema seguinte permite ilustrar a situação sócio-ideológica da época:

<i>Templo</i>	<i>Profetismo oficial</i>
Poder ideológico, religioso e econômico	Esdras, Neemias
<i>Hierarquia</i>	<i>Governantes</i>
Sumo-sacerdote	conselheiros
sacerdotes	notáveis
<i>Impostos</i>	
Exploração	
<i>Pobres da terra</i>	<i>Rute</i>
	Profetismo popular

O esquema acima apresenta a relação existente entre os "pobres da terra" e o poder imperial do templo. Os pobres da terra mostram que através da repressão ou abuso perderam a sua propriedade, a sua condição de "povo da terra", venderam-se como escravos, trabalharam como assalariados ou até procuraram outra terra onde pudessem refazer a sua vida. O poder do império está representado no templo como centro ideológico, religioso e principalmente econômico. O povo empobrecido são os filhos do cativeiro que estão em miséria e humilhação. São os pequenos agricultores que, endividados, vendem as suas propriedades (por meio de hipotecas), ou entregam os seus filhos em servidão para pagar ou retribuir a dívida.

O centro ideológico é representado pelo grupo da Babilônia que tem ouro, maneja o comércio e faz empréstimo de dinheiro para o seu interesse. O governador persa adquire tributos das aldeias ou parcelas produtivas. O império tem uma estreita relação com a hierarquia que legitima leis com a finalidade de cobrar impostos para o sustento do mesmo.

O povo da terra deseja reconstruir o templo e introduz a necessidade da pureza social e racial dos profetas oficiais. Nesta tentativa confrontam-se com o império persa. Assim, os profetas aparecem divididos e com posições contrárias. Por um lado, os profetas oficiais servem à casta sacerdotal de caráter nacionalista. Por outro, um grupo de profetas populares cujos nomes desapareceram, mas onde se localiza o livro de Rute, defende os interesses populares dos camponeses, confrontando-se com o profetismo oficial. Trata-se de uma situação concreta de opressão e marginalização dos pobres da terra provenientes do cativeiro e dos remanescentes. O povo está desorientado e precisa reviver a sua fé em Javé.

O projeto de Esdras e Neemias, por um lado, contribui de algum modo para a identidade religiosa, nacionalista e a reconstrução da cidade e do templo destruídos. Por outro, gera desconfiança, já que por seu afã de edificação e servidão aos persas, criava leis agravando cada vez mais a situação dos pobres: estes tornavam-se cada vez mais pobres.

Neste contexto se insere o livro de Rute como alternativa de restauração e liberação do povo. Portanto, é um contra projeto que retoma o modo de produção tribal como ideal de sociedade alternativa pós-exílica, que recupera a esperança em Deus e no qual o povo vence o poder imperial por meio das mulheres. Dizemos que o relato retoma o modo de produção tribal por vários motivos: por um lado, a base da economia está na agricultura: no começo da colheita da cevada (1,22). Como ponto essencial introduz-se o tema do resgate (Deuteronômio 25,5-10). A porta da cidade, lugar onde se realizam negócios comerciais, é também um lugar chave politicamente (Gênesis 34,20). Nela, os anciãos, pessoas importantes dentro da tribo, falam e tomam decisões pelo povo. O livro de Rute, um protesto vivo contra as leis de pureza racial do templo, introduz como tema primordial a terra como garantia de vida.

Motivação teológica

A reconstrução do templo é feita sob as bênçãos de Ageu e Zacarias (Esdras 5,1). O culto no templo reconstruído recomeça no período pós-exílico com o apoio de Esdras e Neemias. Do ponto de vista teológico, este período representa a ideologia do templo e a lei representa o poder persa.

A concepção de Deus para os filhos do cativo é a de um Deus de vingança. O povo se separou e foi a outros povos em busca de outros deuses e senhores. Judá e Israel, filhos da aliança, estão se acabando. Os pobres da terra crêem que a mistura com outras raças e a perda da cultura foram castigo de Deus que os despojou de suas terras e lhes deu a miséria e humilhação. Deus que vinga a infidelidade do povo. O Deus de Israel passa a ser o Deus dos céus, "o altíssimo". O Deus dos Pais passa a ser "o Deus dos profetas oficiais". Os pobres são proibidos de usar o nome de Javé. Só o sumo-sacerdote poderá usá-lo uma vez ao ano.

Há também a sustentação de uma teologia da retribuição individual. É preciso dar riqueza a Deus para ser recompensado. Manipulam-se os conceitos de justo e injusto. O justo é o rico, recompensado por suas esmolas e orações. O pobre é injusto e castigado por Deus. Ele precisa pagar tributo para agradar a Deus e adquirir a sua salvação.

O projeto imposto por Esdras e Neemias é meramente urbano. Jerusalém e o templo são o centro do poder. O templo torna-se o lugar onde se promulgará a lei que Esdras traz da Babilônia com o apoio do rei: o livro escrito é palavra de Deus e deve ser lido, traduzido e interpretado pelo templo (Esdras 7,11-28; Neemias 8,1-28). O livro de Rute é uma contestação a este projeto meramente urbano e do templo. Volta à religião tribal, a palavra lida e interpretada na

casa. É um projeto rural, um profetismo popular, no qual os servos, escravos, camponeses, mulheres e viúvas participam. Revive a esperança de um Deus libertador para o povo.

ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Para uma maior compreensão, apresentamos o texto em três níveis:

- ✓ Estrutura e desenvolvimento geral: trata-se de uma apresentação do esquema geral do livro e uma descrição geral dos personagens, época e lugares que marcam a estrutura do relato
- ✓ Apresentação literária (programa narrativo): veremos como se organiza a ação do relato. Enfatiza alguns verbos e palavras simbólicas que dão sentido ao texto
- ✓ Estrutura profunda: É o fundo do que é dito. São as oposições binárias de sentido que se manejam e se desenvolvem.

Estrutura e desenvolvimento geral

Estrutura

Os critérios levados em conta para esta divisão são principalmente o lugar onde se realiza a cena, os personagens relevantes e as circunstâncias de cada episódio. A estrutura utilizada é tecnicamente chamada "quíastica" ou "concêntrica", um dispositivo conhecido no hebraico que servia de ajuda para a memorização dos textos.

- A. A fuga para Moabe e o regresso a Belém (1,1-12)
 - ✓ Falta de Deus; fome; solidão; viuvez; velhice; sem-terra; desconcerto
- B. No campo de Boaz (2,1-23)
 - ✓ Bem-estar parcial para as mulheres; planejamento do dilema do resgate
- C. Na eira de Boaz (3,1-18)
- ✓ Rute compromete Boaz junto ao povo
- B'. Na porta da cidade (4,1-12)
 - ✓ Bem-estar total para as mulheres; solução do dilema do resgate
- A'. Em Judá, restauração do povo (4,13-22)
- ✓ Presença de Deus; colheita; comunidade; matrimônio-levirato; velhice-juventude; recuperação da terra; esperança.

Nesta estrutura A reflete uma situação de desconcerto, vazio e insatisfação que chegam à plenitude na seqüência final A'. B apresenta o planejamento do dilema do resgate. Há possibilidade de salvação e restauração do povo. B' dá a resposta ao problema mostrando o caminho a seguir para se ter direito ao resgate, isto é, traça a solução do dilema. C é o centro da história e descreve os meios que são necessários para preencher o vazio inicial.

Desenvolvimento geral

Capítulo 1 - Implicitamente apresenta uma situação de fome, o que leva uma família a migrar para outro país. Percebe-se o abandono de Deus pela situação de desgraça que os assola. Noemi fica só, sem marido e sem os seus dois filhos (v.5). As três mulheres, viúvas e sem filhos, encontram-se em completo desamparo: isso, na sociedade israelita, implicava em marginalização já que numa sociedade patriarcal a identidade da mulher é dada pelo sobrenome do varão e onde um filho é indispensável para a perpetuidade do clã. A preocupação de Noemi é garantir para suas noras uma família, um marido e filhos, ou seja, sua integração à sociedade. Daí a sua insistência em deixá-las em liberdade ao decidir regressar a seu povo em busca de melhores condições e com a ilusão de recuperar a terra perdida.

Rute 1 introduz temas importantes como a necessidade de buscar pão e comunidade como garantia de restauração. Nos v.11-13 encontramos o tema principal do relato: a lei do levirato, um direito que possuíam as viúvas ao ficarem sós e sem filhos, que consistia em serem resgatadas por um irmão ou parente do falecido com o objetivo de perpetuar o nome do mesmo, mas principalmente para manter o direito à terra que garantia a vida e a sobrevivência do povo: *Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer, sem filhos, então a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família: seu cunhado a tomará e a receberá por mulher, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado. O primogênito que ela lhe der será sucessor do nome do seu irmão falecido, para que o nome deste não se apague em Israel. Porém, se o homem não quiser tomar a sua cunhada, subirá esta à porta, aos anciãos, e dirá: Meu cunhado recusa suscitar a seu irmão nome em Israel; não quer exercer para comigo a obrigação de cunhado. Então os anciãos da sua cidade devem chamá-lo e falar-lhe; e, se ele persistir e disser: Não quero tomá-la; então a sua cunhada se chegará a ele na presença dos anciãos, e lhe descalçará a sandália do pé, e lhe cuspirá no rosto, e protestará, e dirá: Assim se fará ao homem que não quer edificar a casa de seu irmão: e o nome de sua casa se chamará em Israel: A casa do descalçado.* (Deuteronômio 25,5-10; veja Rute 4,1-12).

Outro tema introduzido é a necessidade de um herdeiro. As noras sendo mulheres jovens podem pensar na possibilidade de organizar-se familiarmente, com filhos como símbolos de aceitação e reivindicação na sociedade judia. Noemi sabe que isto é essencial na sociedade patriarcal que enfrentam. Por outro lado, é importante que tal reivindicação também seja dada às mulheres se regressarem à casa materna. Este dado é importante porque a casa é vista como um lugar reivindicante e como um espaço meramente feminino em Israel no período tribal.

Enfim, de um modo geral, este capítulo descreve a situação de fome e a necessidade de restauração. No final, implica novamente em visualizarmos Belém, agora na época da colheita da cevada. Ele pode ser considerado uma espécie de introdução ou marco da ação central do relato.

Capítulo 2 - Desenvolve a necessidade de encontrar um horizonte promissor para o povo, a possibilidade de solucionar o problema. Há um horizonte promissor para nossas protagonistas que representam o grupo dos camponeses, dos sem-terra. Trabalham no campo de Boaz, há uma espécie de bem-estar parcial ao lado do parente longínquo: Boaz é uma figura definitiva, é a pessoa que tem a solução para o problema : *Então Noemi disse a sua nora: Bendito seja ele do Senhor, que ainda não tem deixado a sua benevolência nem para com os vivos nem para com os mortos. Disse-lhe mais Noemi: Esse homem é nosso parente chegado, e um dentre os nossos resgatadores* (v.20). Rute continua crescendo até o fim da colheita da cevada. O benefício é parcial, mas com o tema do resgate abre-se a possibilidade de garantir ao povo um bom futuro.

Capítulo 3 - Planejam-se e se executam os meios necessários para alcançar o objetivo das mulheres, ou seja, buscar uma posição segura para o povo: *Disse ele: Quem és tu? Ela respondeu: Sou Rute, tua serva; estende a tua capa sobre a tua serva, porque tu és resgatador* (v.9). No antigo Israel, na festa da colheita havia um rito de fecundidade no qual o ato sexual se realizava como oferta a Deus para que Ele irrigasse a terra; a relação Deus-terra era entendida como relação sexual. Portanto, a relação existente entre Rute e Boaz é parte da relação divina (Deus-terra), o que gera uma teologia da corporeidade, da relação com Deus mediada pelo toque pessoal que cura e produz segurança. É uma mulher quem consegue refugiar-se totalmente em Javé. A cena termina com uma atitude de grande fé da parte de Noemi: *Então lhe disse Noemi: Espera, minha filha, até que saibas em que darão as coisas, porque aquele homem não descançará, enquanto não se resolver este caso ainda hoje* (v.18).

Capítulo 4 - O dilema do resgate é solucionado. A cena ocorre na porta da cidade, lugar exclusivamente masculino, público, onde os anciãos são os observadores e testemunhas da ação. São os homens que decidem o problema planejado pelas mulheres: *Todo o povo que estava na porta, e os anciãos, disseram: Somos testemunhas: o Senhor faça a esta mulher que entra na tua casa, como a Raquel e como a Lia, que ambas edificaram a casa de Israel* (v.11a). Há plena consciência do papel fundamental da mulher nos momentos-chaves da história israelita. Rute, uma mulher estrangeira, portanto, desprezada, que por sua condição de impureza racial não seria admitida nem na décima geração na assembléia de Javé (Deuteronômio 23,2-4), começa a fazer parte da edificação de Israel e entra triunfante na família do rei Davi na condição de bisavó: estamos diante da esperança messiânica da restauração dos filhos do cativo. Mateus inclui Rute na genealogia de Jesus Cristo (Mateus 1,1-5). É interessante destacar que a terra é libertada por uma mulher, ou por um grupo de mulheres e os pobres da terra. As mulheres na Bíblia sempre apareceram protagonizando momentos-chaves na história israelita ou como restauradoras em momentos-limite de decisão (Hulda, Débora, Miriam, Ana).

Apresentação literária

Gênero literário

O livro de Rute é um magnífico exemplo de arte narrativa. Percebe-se uma elaboração poética e artística dos fatos narrados que tornam o breve escrito numa jóia literária vetero-testamentária. Apresenta características próprias de relato como os diferentes episódios dentro de um breve espaço, um estilo cerimonioso dentro de uma trama de suspense que narra aspectos cotidianos da vida real, ainda que as vezes a narração seja exagerada para alcançar seu objetivo. Trata-se de um tipo de narrativa literária de certo modo freqüente em todos os períodos da história bíblica.

13

Aspecto literário

De modo sintético, apresentaremos aqui as frases e palavras que incidem de forma especial como marco global da narrativa. Para isto, utilizaremos as diferentes seqüências do texto como meio de articulação literária.

A. A fuga para Moabe e o regresso a Belém (1,1-23)

Esta primeira seqüência é apresentada com uma força extraordinária. Ela faz reviver a tristeza experimentada no passado: uma família sai de Belém de Judá (casa de pão) por causa da fome: a casa de pão não tem pão. Chegam aos campos de Moabe, identificados claramente no livro geográfica e culturalmente; a expressão terra de Moabe/Moabita se repete dez vezes no livro. O verbo voltar aparece doze vezes neste capítulo e realça a importância da decisão tomada por Noemi: levanta, começa a andar, sai do lugar onde está e inicia o caminho de retorno em companhia da sua nora.

Este capítulo caracteriza-se por seu estilo poético, onde sobressaem constantes diálogos, doze ao todo, tornando-se assim uma obra íntima e ao mesmo tempo dramática. Pouco a pouco a situação dramática mostra um caminho de saída que acompanha a decisão de total compromisso que Rute assume com Deus e com seu povo israelita: *Disse, porém, Rute: Não me instes para que te deixe, e me obrigue a não seguir-te; porque aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu, e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti.* (v.16-17). Estamos diante de uma prosa poética composta de paralelismos sintéticos onde cada verbo na segunda pessoa é reforçado com outro que indica a ação futura da protagonista: *Onde tu fores, irei...* Há indicação do espaço, lugar e da ação futura mostrando o seguimento incondicional até o fim devido à fé em Javé.

Para terminar esta seqüência, e pelo fato de que na cultura semita os nomes próprios quase sempre possuíam um valor simbólico, vale a pena destacar o significado dos nomes que aparecem no relato: Elimeleque: O meu Deus é rei; Noemi: Graciosa; Mara: Amargura; Malon: Enfermidade; Quiliom: Fragilidade; Orfa: Nuca; Boaz: O que tem força, Deus é forte; Obede: Servo. Em

especial, este capítulo destaca as situações de vazio e abandono de Deus, faz reviver a tristeza experimentada no passado e a situação atual das viúvas. Lentamente desenvolve-se a cena de lamento protagonizada por Noemi. É uma teologia do sofrimento, feita pela mulher e contada do ponto de vista das mulheres.

B. No campo de Boaz (2,1-23)

Rute e Noemi integram-se ao projeto camponês. As mulheres que as recebem e as acolhem representam os pobres da terra, os remanescentes. Rute irá trabalhar no campo de Boaz juntamente com os camponeses, tentando encontrar saída para a situação de fome. É acolhida e experimenta uma certa proteção.

Desta segunda seqüência resgatamos o diálogo de Rute e Boaz, destacando de maneira especial os v.11-13: *Respondeu Boaz, e lhe disse: Bem me contaram tudo quanto fizeste a tua sogra, depois da morte de teu marido, e como deixaste a teu pai e a tua mãe, e a terra onde nasceste, e vieste para um povo que dantes não conhecias. O Senhor retribua o teu feito, e seja cumprida a tua recompensa do Senhor Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio. Disse ela: Tu me favoreces muito, senhor meu, pois me consolaste, e falaste ao coração de tua serva, não sendo eu nem ainda como uma das tuas servas.*

Boaz conhece Rute e sabe da sua história. Ela lhe chama a atenção, ele está consciente da sua situação de refugiada e, de alguma maneira, a implicação que isso tem para as leis israelitas. Ela é digna de admiração por sua decisão e aceitação do Deus israelita que a acolhe sob suas asas dando-lhe refúgio e proteção. Nestes versículos retoma-se enfaticamente a ação do compromisso de Rute com Javé. Noemi, sua sogra, representa a opção pelo povo israelita.

A protagonista, com sua profissão de fé refugia-se sob as asas de Javé, asas que acompanharam o povo de Israel desde que saíram da terra do Egito (Isaías 40,1-2). Ela aceita a ajuda que Boaz lhe oferece, um homem que é introduzido nesta seqüência com o codinome "varão forte". Boaz é uma figura definitiva no relato, o sujeito que gera o tema definitivo, cujo nome aparece escrito na coluna esquerda do templo de Salomão (1 Reis 7,21). Com isso suspeitamos que o projeto de Rute é paralelo ao de Esdras e Neemias devido a sua tentativa de reconstrução do templo. Rute, por sua vez, pretende voltar para Deus, ao templo e à casa, à tribo. O título "varão forte", dado a Boaz, deve ser uma referência à sua força econômica; este título era dado aos juizes (Juizes 6,21), mas foi dado a Rute - mulher forte (Rute 3,11). Dessa forma, a palavra *'ghah'yil* - força - articula a ação libertadora de Rute.

Nesta seqüência, a palavra resgate aparece pela primeira vez no relato (ao todo ela aparecerá dezesseis vezes). Isso é importante porque é a partir dessa palavra que ocorre a trama do relato, como eixo central. E esse resgate se realizará pela iniciativa das mulheres, tendo como intermediária uma mulher estrangeira - *gûr*, decorrendo daí o caráter relevante do livro pela implicação que isso traria no período pós-exílico.

C. Na eira de Boaz (3,1-18)

Esta seqüência é o centro do relato. Rute compromete Boaz com o povo e o mesmo deve dar uma solução imediata ao dilema que consiste no direito de resgate que têm as protagonistas: *Sou Rute, tua serva; estende as tuas asas sobre a tua serva, porque tu és resgatador* (v.9)

A palavra *kah-naph'*- asas - indica a necessidade de Rutê de encontrar refúgio e proteção em outro povo sob as asas de Javé, numa terra para viver e se identificar com um povo. Esta cena realiza-se na eira, lugar que tinha conotação sexual, e que levou o profeta Oséias a criticar o povo de Israel que "amou a paga da prostituição em todas as eiras de cereais" e avisar que um dia o vinho novo que animava as festas acabaria (Oséias 9,1-2). Sem dúvida, as festas da colheita eram muito animadas, sendo o espaço lúdico de relação com Deus.

B'. Na porta da cidade (4,1-12)

Nesta seqüência, a solução do dilema do resgate, que é o tema principal do relato, é colocada. A palavra, posta principalmente na boca das mulheres, é retomada pelos homens, o que indica estarmos diante de uma sociedade patriarcal. A cena da sandália remete a um costume antigo do povo (Deuteronômio 25,9).

A'. Em Judá. Restauração do povo (4,13-22)

Esta seqüência constitui o término do enquadramento que soluciona o dilema do ponto A e os versículos finais podem constituir um acréscimo posterior em sua intenção de universalização da história do Servo Sofredor de Israel.

Programa narrativo

Literalmente, é entendido como desenvolvimento da ação, ou seja, o que acontece no texto e como se realizam as ações. Consideremos as ações que são marcadas principalmente por uma mudança de cenário e de atores:

Primeiro momento

Encontramos uma situação de desconcerto, onde um povo oprimido social, política e religiosamente é enviado ao cativoiro.

Israelitas

Povo oprimido

Elimeleque

Fuga a Moabe

Morte do clã

A morte de uma família sem descendência, no meio de outro povo devido a opressão econômica e religiosa, impulsiona Noemi, uma mulher que ao ficar só toma a iniciativa de buscar segurança para os filhos do cativoiro.

Sujeito da ação

Noemi regressa a Belém

Objetivo

Estabilidade econômica e religiosa

Nesta ação aparecem as suas noras: Orfa, atua com prudência e regressa à casa da sua mãe; Rute, assume a liderança e deixa o seu povo e sua religião. Aceita a Javé como seu Deus. Busca a liberdade daquele que agora é o seu povo. As mulheres do povo lhes dão as boas vindas, se solidarizam e integram as duas mulheres na comunidade.

Segundo momento

Boaz

Povo pobre

Poder econômico

Camponeses e seus empregados

Surge então Rute como sujeito que promove e executa a ação. Ela compromete Boaz com os pobres da terra.

Sujeito da ação

Objetivo

Rute

Recuperar o Deus de Israel

Mulher com fé em Javé

Restaurar o povo

Neste momento há dois pontos principais:

- ✓ Rute é aceita por Deus e se beneficia parcialmente (refugia-se sob as asas de Javé - 2,12)
- ✓ Rute é aceita totalmente por Deus. Ela se beneficia totalmente de Boaz (refugia-se sob as asas de Boaz - 3,9).

Terceiro momento

Ação

O que foi alcançado

A metáfora enfatiza que Rute é aceita por Deus. Ela, triunfalmente, começa a fazer parte dos israelitas. Javé reivindica a mulher até então marginalizada pelo androcentrismo patriarcal.

MULHER NEGRA E POBRE

Os povos negros, os sem-terra, as crianças, as mulheres, os trabalhadores, os explorados são os novos sujeitos da evangelização. A boa nova deve ser proclamada a partir das culturas oprimidas e assumida a partir dos matizes culturais. A verdadeira evangelização se dá no encontro entre uma determinada cultura e a mensagem portadora de vida para esta mesma cultura. Por essa razão, o acontecimento histórico do povo de Deus e o projeto de Jesus são elementos fundamentais que justificam a ação libertadora das comunidades da nossa América-Negra. Estamos diante da imperiosa necessidade de fazer uma nova leitura bíblica a partir da situação das mulheres negras localizadas no amplo mundo do oprimido social e inscritas na história de dor e genocídio desde o período colonial até os dias de hoje.

Mulher africana

A escravidão e o transporte da mulher africana ao continente americano foram implementados desde os inícios da colonização. Mas o seu tráfico ocorreu na medida em que havia a necessidade da sua presença, fundamentalmente para

modificar o comportamento dos escravos. Nesse sentido, a afeição que os africanos dedicavam às suas mulheres foi usada como chantagem moral e social.

Trazida juntamente com os homens, ao chegar ao porto de destino a mulher africana era levada ao mercado de escravos e vendida de acordo com as suas condições físicas para o trabalho e a procriação. Assim, durante a escravidão, ela não só era mercadoria e força de trabalho, mas também uma importante máquina reprodutora de escravos. Obrigada a dar à luz anualmente, os seus filhos, quando nasciam, eram bens do escravista. Ela não teve direito a um companheiro e a uma família estável. Nas fazendas, plantações ou minas deviam satisfazer as necessidades sexuais de escravos e senhores; a cultura sexual africana foi deformada pelo sistema colonial escravista. Disso decorre o mito atual que afirma que a mulher negra é "ardente", causando-lhe o assédio sexual. Devido a esse "mito", a mulher negra é apreciada somente como *hembra* e ignorada como uma pessoa que possui valores sociais e espirituais. Com isso vemos claramente as implicações socio-econômicas que havia durante a escravidão o ser "mulher negra", e que hoje ainda causa a marginalização das mulheres negras.

Outro elemento fundamental consiste no fato da imposição religiosa, nos maltratos e discriminação dos povos afro-americanos. Arrebatados da mãe África, arrancados do seu espaço ecológico e trazidos a esse continente, cujo marco ideológico era o catolicismo ibérico, tendo sido batizados nos portos de embarque (batismo marcado a fogo e ferro) para serem identificados, foram perseguidos, submetidos, escravizados e evangelizados: os missionários dirigiam-se a eles dizendo que a evangelização é desejada por Deus para salvar a sua alma, apresentando também um Deus retribucionista e tolerante da escravidão, já que afirmavam que "os colonizadores são bons, têm poder e riqueza dados por Deus", mas os escravos só receberão a sua recompensa após a morte, em outro mundo. Dessa forma, tiveram que renunciar a quase tudo: terra, pátria, família e religião. Mas, apesar dessa violência que os obrigou a esconder os seus símbolos, crenças, cultura e a sua verdadeira fé, mantiveram a cosmovisão que faz parte da sua cultura espiritual.

Cultura diferente

O povo africano forma parte de outra cultura. Pertencendo a outro continente, a outra terra, o povo negro necessariamente tem como referência outra cultura e outros costumes. Efetivamente, faz parte de outra cosmovisão, de outra interpretação do mundo. Mas, apesar do seu genocídio, atualmente conserva raízes culturais próprias que são diferentes daquelas da totalidade da população americana, e que se expressam na quantidade de expressões culturais e religiosas preservadas:

- ✓ Música: É a sublime expressão do espírito. Caracteriza de modo particular a cultura afro-americana e sua riqueza de ritmo se expressa em suas várias formas e melodias

- ✓ Trabalho: É uma cultura que aprende a sobreviver extraído do meio ambiente só o que é necessário para a sua subsistência. Portanto, não existe acumulação
- ✓ A família: A família afro-americana vai além da família nuclear, envolvendo os parentes e os não consangüíneos que fazem parte do grupo
- ✓ A festa: A festa é participação no divino, equilibrando o peso, a dor e a fadiga da vida, redimindo o homem da morte cotidiana e abrindo espaço para a eternidade
- ✓ A natureza: Respeitam o seu meio ambiente e se reconhecem pequenos e limitados diante do poder dos rios, dos bosques, da fauna, da chuva...
- ✓ A alegria: É um povo que ri, e apesar da dor e pranto, aprendeu a burlar o patrão

Os deuses africanos: No Caribe e no Brasil, os descendentes dos escravos mantêm a memória dos deuses africanos que atravessaram o oceano. Os santos, o vodu, a macumba e o candomblé são as religiões africanas que, apesar da imposição do cristianismo, conseguiram sobreviver disfarçando-se com as características dos santos católicos.

Nesta conservação cultural, a mulher negra têm um papel fundamental de transmissão oral e resistência cultural. É a partir da casa e do seu trabalho que se tece a relação homem-cultura.

Resistência cultural

As escravas negras foram vítimas do martírio físico e psicológico ao serem testemunhas dos mais cruéis sacrifícios humanos que os colonos faziam com os escravos. Empregavam os seus próprios mecanismos de resistência; muitas mulheres preferiram abortar, a seguir reproduzindo a cadeia de abominação à qual estavam submetidas. Outro elemento de resistência era a *cimarronaje* (quilombos): as escravas tornavam-se *cimarronas* quando só ou acompanhadas, abandonavam a fazenda do seu amo. O motivo disso, em geral, era um anúncio de castigo, a venda a outro amo, o serem maltratadas, ou o fato de, em algumas ocasiões, terem matado as suas amas.

A mulher *cimarrona* realizava várias funções, como os trabalhos agrícolas e a lavagem de ouro, recebendo neste último a ajuda das crianças.

No campo religioso eram dignas de admiração e credibilidade por causa dos seus poderes e vínculos com os antepassados: fabricavam os fetiches que serviam como protetores religiosos para casos de perigo. Nisso vemos como atualmente conservam parte da sua espiritualidade africana: são as curandeiras e as mães-de-santo, tornando-se, dessa forma, o elemento fundamental de conservação da sua identidade.

No que se refere à mulher negra na atualidade, ela foi e continua sendo um elemento de exploração por parte de uma sociedade capitalista e machista. São exploradas como mão de obra barata, têm que sobreviver por meio da

economia informal, ninguém quer empregar uma mulher negra. A ela restam somente trabalhos de segunda mão: são domésticas, faxineiras, cozinheiras e babás. Ela continua sendo dominada por homens, através do machismo e do individualismo. Discriminam-na quando lhe exploram como trabalhadora e a oprimem quando a marginalizam por ser negra e a tratam como objeto sexual. Mas, hoje, ela torna-se sujeito libertador que resiste constantemente e tenta se organizar exigindo para si uma melhor situação.

Diante da história do genocídio dessa etnia que tem sido marginalizada, dominada e explorada, reafirmamos que aqui na Afro-América há, entre nós, uma cultura viva. Há um povo que resistiu durante toda a vida e que conserva as suas tradições: suas famílias extensas, manifestações religiosas, formas de viver o cristianismo, grupos sociais, adaptação à subsistência, uma rica tradição oral e práticas de socialização, são aspectos fundamentais que definem e marcam esta cultura.

Rute e as mulheres negras

Da mesma forma que Deus se revela na Bíblia aos mais diferentes povos, também, para as mulheres negras, Ele apresenta uma mensagem libertadora. O livro de Rute é uma indicação clara disso, já que nele elas se identificam no seu sentir com uma mulher pobre e estrangeira que acolhe o projeto de Deus. Rute apresentou uma mensagem libertadora e cheia de esperança para os israelitas, que hoje também alcança as mulheres negras.

Assim como Rute assume o seu projeto, na história do povo negro há também homens e mulheres negras que deram a vida em busca da liberdade para o seu povo. Na figura semi-mística de Anastácia no Brasil temos a síntese de tantas mulheres negras, violentadas pela brutalidade sexual dos senhores e capatazes. Anastácia resistiu à condição de ser uma mulher explorada no contexto da violência estrutural. Como ela, muitas outras mulheres anônimas assim o fizeram.

A Afro-América vive em tempos de miséria, racismo e marginalização, mas também vive os tempos de esperança que alimenta essa vida ameaçada e reforça a identidade étnica-cultural, dando um rosto negro a um povo que quer romper para sempre essas cadeias tão opressoras como as que afrontaram os ancestrais africanos durante a colonização.

Creemos que grande parte do povo negro assumiu o cristianismo e que é o momento de começar uma nova etapa do caminho junto à igreja, que é necessário recriar um cristianismo onde os afro-americanos participem como negros e a partir da sua cultura. Por isso, é importante voltar à Bíblia, relê-la a partir da realidade dos diferentes sujeitos sociais e nela descobrir a presença e a participação libertadora destes grupos na história de Israel.

Semelhanças ou linhas de aproximação entre Rute e as mulheres negras

Rute, mulher estrangeira

Mulheres negras e pobres

Renuncia voluntariamente à família, povo, cultura e religião

Arrancadas da pátria, têm que deixar a família, povo, cultura e religião

Aceita o Deus de Israel

O cristianismo lhes é imposto e aceitam o seu Deus

Os moabitas são marginalizados por serem de outra raça

As africanas são marginalizadas até hoje

O povo de Deus é seu povo: busca da sua libertação

São povo de Deus: durante séculos de escravidão buscaram a sua liberdade

O seu objetivo era restaurar o povo na sua terra

Lutam pela sobrevivência: procuram casa, comida e família como garantia da vida

Resistência matriarcal: mulheres planejam e executam a ação

A partir da casa constroem a relação familiar, econômica, do trabalho e de resistência

Sai de casa e se inscreve no campo de trabalho

Inscovem no campo de trabalho: economia do rebusque

Rute recupera a palavra

Conservam a tradição oral

Festa na eira: relação com Deus

Conservam o espírito de festa e alegria como relação com Deus

Mantém relação com um parceiro

Muitas não têm uma relação de parceria: a família configura-se no matriarcado

Estes, entre outros elementos, servem de paralelo para a elaboração de uma hermenêutica negra e feminista. Trata-se não somente de buscar na Bíblia a presença do povo negro, ainda que isso seja um grande desafio dada a relação existente entre a configuração do povo de Israel e a África negra, mas principalmente, reler os textos bíblicos a partir deste sujeito social pelo qual optamos.

Alguns livros foram usados na elaboração deste trabalho. Como sugestão para que você continue estudando o tema, indicamos os seguintes:

- ALBERT, B.C., *Mujer y esclavitud en Santo Domingo*. Santo Domingo, 1990.
- EVERY-CLAYTON, J.E., *Rute*. Em diálogo com a Bíblia. Curitiba/Belo Horizonte, 1993.
- FRISOTTI, H., "Povo negro e Bíblia - retomada histórica" In: *Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana* 19, 1994, p.36-48.
- GARCIA, N., "Otros. Marginalidad étnica. Lectura social e teológica." *Doc. Koinonia* 7. Bogotá, 1992.
- GUTIERREZ, L.A., *Historia del negro en Colombia*. Bogotá, Colombia, 1992.
- GOTTWALD, N.K., *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo, 1988.
- KIPPENBERG, H., *Religião e formação de classes na antiga Judéia*. São Paulo, 1988.
- MESTERS, C., *Rute*. Comentário Bíblico do AT. São Leopoldo/Petrópolis, 1986.
- PIXLEY, J., *História de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis, 1989.
- SCHWANTES, M., *Sufrimento e esperança no exílio. História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Leopoldo, 1987.
- RODRIGUEZ, D.M., *Teologia afro-americana*. (Primer ensayo ecuménico para una teología negra de la liberación). Ediciones Afro-América/Centro Cultural Afro-Ecuatoriano.
- VIEIRA SAMPAIO, T.M., "Rute e Noemi. Coragem em tempos de crise." *Mosaicos da Bíblia* 3, Programa de Assessoria à Pastoral - CEDI, s.d, p.30-34.

Maricel Mena López, negra, biblista católica, é animadora da leitura popular da Bíblia em Cali e integra o CEDEBI (Coletivo Ecumênico de Biblistas), Colômbia. Atualmente cursa o mestrado em Ciências da Religião no Instituto Ecumênico da Pós-Graduação, em São Bernardo do Campo/SP.

Rua 24 de Maio, 175 Rudge Ramos

CEP 09730-490 - São Bernardo do Campo / SP

NÚMEROS ANTERIORES

22

1. **"Os ninivitas creram em Deus"** - Milton Schwantes
2. **Vem, Espírito** - Fábio Laerth Tonello, Mariano Marchitiello, Milton Schwantes, Nancy Cardoso Pereira, Paulo Roberto Garcia, Roberto Natal Baptista
3. **Na voz das mulheres** - Jane Falconi F. Vaz, Rosa Marga Rothe, Nancy Cardoso Pereira, Lori Altmann, Rosângela Soares de Oliveira, Tânia Mara Vieira Sampaio, Elza Tamez, Genilma Boehler
4. **Jonas** - Paulo Cesar Botas, Nancy Cardoso Pereira, Roberto Natal Baptista, Dario Geraldo Schaeffer, Sebastião Armando Gameleira Soares, Paulo Roberto Garcia, Rolf Schuenemann, Mariano Marchitiello, Zwinglio Mota Dias
5. **"Misericórdia Quero"** - Roberto E. Zwetsch
6. **Mulheres na prática da justiça e da solidariedade** - Ivoni Richter Reimer
7. **História de Israel** - Milton Schwantes
8. **Bíblia e Ecologia** - Paulo Roberto Garcia, Ivoni Richter Reimer, Haroldo Reimer, Roberto Natal Baptista, Luis Mosconi, Ivo Storniolo, Fernando Bortolletto Filho
9. **Introdução à leitura bíblica** - Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz, Paulo Roberto Garcia, Roberto E. Zwetsch
10. **Interpretação Bíblica na Igreja Oriental Antiga** - Duncan Alexander Reily
11. **Esperança na justiça** - Haroldo Reimer
12. **A leitura bíblica por meio do Método Sociológico** - Uwe Wegner
13. **O julgamento da Babilônia** - José Adriano Filho
14. **O que importa é fazer caminho...** - Paulo Augusto de Souza Nogueira, Pedro Lima Vasconcellos, Luis Eduardo Torres Bedoya, Mercedes Brancher, João Cesário Leonel Ferreira
15. **Bíblia e Ecumenismo** - Milton Schwantes, Agabô Borges de Souza, Maurício Waldman, Vilson Caetano de Sousa Júnior, Carlos Mesters, Paulo Augusto de Souza Nogueira
16. **Mulheres... experiências de uma caminhada** - Ana Cláudia Figueroa, Wanda Deifelt, Maria Luiza Rückert, Jane Falconi F. Vaz, Nancy Cardoso Pereira
17. **Bíblia e Negritude: caminhos de aproximação** - Vilson Caetano de Sousa Júnior, Heitor Frisotti, Marcos Rodrigues da Silva
18. **Uma mulher com deficiência luta contra a morte social** - Vera Maria Immich
19. **"E Ihes falava em parábolas"** - Pedro Lima Vasconcellos

Pedidos para: KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço

Rua dos Pinheiros 706, casa 6 Pinheiros

05422-001 São Paulo SP

Tel/fax (011)280.7461

Rua Santo Amaro, 129 Glória

22211-230 Rio de Janeiro RJ